



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2018: SIC - XXX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2018
<b>Local</b>	Campus do Vale - UFRGS
<b>Título</b>	Escola e Adolescência em Conflito com a Lei: um encontro (im)possível?
<b>Autor</b>	LUÍZA MICHELINI VILANOVA
<b>Orientador</b>	ROSELENE RICACHENEVSKY GURSKI

## Escola e Adolescência em Conflito com a Lei: um encontro (im)possível?

Autora: Luíza Michelini Vilanova (UFRGS) Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rose Gurski (UFRGS)

O presente trabalho, inserido no contexto do Núcleo de Pesquisa em Psicanálise, Educação e Cultura (NUPPEC), originou-se de uma experiência de pesquisa-extensão com um grupo de adolescentes socialmente denominados “em conflito com a lei”. Em 2014, o grupo de pesquisa aproximou-se de uma instituição socioeducativa de nossa cidade ao propor uma intervenção na forma de um espaço de fala sem temáticas pré-estabelecidas, fortemente inspirada na livre-associação, em que foi possível escutar questões caras aos jovens, para além dos delitos praticados. Ao final de 2015, passamos a um outro momento da pesquisa. Nesta nova etapa, foi criado o dispositivo das *Rodas de R.A.P.* – nomeação que sorveu o efeito equívoco que se forja com as iniciais do gênero musical rap (*rhythm 'n' poetry*) para formar as Rodas de *Ritmos, Adolescência e Poesia*. Através das *Rodas*, seguimos com o mesmo dispositivo de escuta baseado na livre circulação da palavra, mas, desta vez, em conjugação com narrativas musicais. Importa dizer que a introdução dessa materialidade de forma mais sistemática configurou-se como um efeito das primeiras *Rodas*, pois os meninos demandavam um espaço para escutarmos as músicas “*deles*”, especialmente o rap e o funk. Para o registro da pesquisa-extensão foi utilizado um instrumento teórico-metodológico criado em meio às pesquisas, denominado “diário de experiência”, no qual as bolsistas que participaram das rodas escreviam *a posteriori* sobre o que lhes ocorria a partir das vivências nas Rodas. A partir do trabalho de supervisão, das trocas com o grupo de pesquisa e analisando os registros dos diários de experiência, fomos percebendo que a morte aparecia de maneira frequente. Na última ida de uma das bolsistas à instituição, ela soube da morte de um dos jovens que havia participado das *Rodas* por um tempo. Na verdade, ele não havia morrido, mas, sim, sido morto. Nas *Rodas*, esse mesmo adolescente havia dito que parou de ir para o colégio porque, como ele ia com roupa de marca, relógios e bem vestido, a diretora desconfiou que ele estava roubando e o denunciou para a polícia. Partindo, sobretudo, desses dois recortes da experiência, passamos a nos questionar: ao convocar a polícia antes mesmo de conversar com o menino, que lugar a escola acabou ocupando ou deixando de ocupar? Será que existe, afinal, um lugar possível na instituição escolar para os jovens que começam a se envolver em atos infracionais? São essas algumas das interrogações que nortearão as reflexões teóricas deste trabalho.